

Aproximação entre o pensamento de Tillich e a perspectiva de Freud no contexto da religião e cultura

An approach between Tillich's thought and Freud's perspective in the context of religion and culture

Luiz Alencar Libório
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Maria Betânia Melo de Araújo
Faculdade STBNB, Brasil

Resumo

Este artigo é fundamentado no pensamento de Paul Tillich a respeito da relação entre religião e cultura apresentado em sua obra, *A era protestante* [1948] (1992), e nas ideias expostas por Sigmund Freud em *O Futuro de uma Ilusão* [1927] (1985). O objetivo é refletir sobre a forma como esses dois pensadores tratam a questão e apresentar pontos de convergência entre eles. Em primeiro lugar, é apresentado o pensamento de Tillich sobre religião e cultura. Num segundo momento, é feita uma exposição das principais ideias de Freud sobre a relação entre esses dois temas, e, por último, são apontados aspectos práticos a ser considerados por uma sociedade mais tolerante e mais justa. A metodologia usada constou, em primeiro lugar, da leitura do pensamento tillichiano sobre o tema; em seguida, foram lidos trabalhos de Freud relacionados com a religião e a cultura e, finalmente, foram estabelecidos pontos de convergência entre os dois autores.

Palavras-chave

Teologia.
Psicanálise.
Convergências.

Abstract

This article is based in Paul Tillich's thought about the relation between religion and culture presented in his work, *The Protestant Era* [1948] (1992), and on the exposed ideas by Sigmund Freud in *The future of a illusion* [1927] (1985). The objective is to analyze how these two thinkers deal with that subject and to suggest points of convergence between them which can contribute to a most comprehensive reading of the relation between religion and culture. At a first moment, it tries to present the basic points of Paul Tillich's thoughts about religion and culture. At a second moment, Freud's main ideas about the relation between these two themes are presented. Then, practical aspects are pointed out to be considered by a more tolerant and fairer society. The methodology used in this project consisted of first reading Tillichian thought on the subject, then Freud's works related to religion and culture were read and, finally, they were derived from convergence between the two authors.

Keywords

Theology.
Psychoanalysis.
Convergence.

Introdução

A relação entre religião e cultura está presente em vários círculos dos debates que tratam da atividade humana, notadamente no âmbito das ciências sociais. Sendo a religião reconhecida como um elemento integrante da cultura, as discussões estão atreladas especialmente à influência de uma sobre a outra e nas transformações ocorridas ao longo da história humana decorrentes do entrelaçamento entre esses dois elementos.

Entre os teóricos que refletiram sobre esta relação, destacam-se o teólogo alemão Paul Tillich e o conhecido pai da Psicanálise, Sigmund Freud. Neste artigo, procura-se analisar a forma como esses pensadores tratam a questão apontando também pontos de convergência entre eles que podem contribuir para uma leitura mais ampla do tema.

Paul Tillich, reconhecido teólogo protestante, nasceu em 20 de agosto de 1886, em Starzeddel (atual Starosiedle, hoje na Polônia). Estudou teologia protestante em Berlim, Tübingen e Halle. Obteve o grau de doutor em filosofia pela Universidade de Breslau e serviu como pastor em Berlim. Foi livre docente na Universidade de Berlim, atuando também nas Universidades

de Margburg, Dresden, Leipzig e Frankfurt. Em 1933, emigrou para os Estados Unidos onde atuou como conferencista na Universidade de Columbia em New York. Ensinou também no Union Theological Seminary em New York e, em 1940, tornou-se cidadão norte-americano. Lecionou também em Harvard e na Faculdade Teológica Federada de Chicago. Entre as suas obras destacam-se *A era protestante* (1948); *Teologia Sistemática* I, II, III (1951, 1957, 1963, respectivamente); *A Coragem de Ser* (1952); *A dinâmica da Fé* (1957); *Teologia da cultura* (1959). A primeira delas serve de base para este artigo. Faleceu em 22 de novembro de 1965.

Sigmund Freud, conhecido Pai da Psicanálise, nasceu em 6 de maio de 1856 em Freiberg, na Morávia, território na época pertencente ao império Austro-Húngaro, hoje parte da República Tcheca. Ainda na infância, sua família se transferiu para Viena, onde ele passou o restante da infância, a adolescência e onde iniciou seus estudos universitários, formando-se em medicina. Foi também em Viena que ele iniciou suas pesquisas sobre a histeria e elaborou a teoria do Inconsciente, pilastra básica do edifício teórico da Psicanálise. Morreu em Londres em 1938, onde passou os dois últimos anos de sua vida, após ter-se retirado de Viena, onde havia sido alvo da perseguição nazista. Sua vasta obra inclui textos sobre a religião e a cultura, na qual se destacam *Totem e tabu* (1913); *O Futuro de uma Ilusão* (1927) e *O mal-estar da civilização* (1930).

Vejamos a percepção desses dois pensadores sobre a relação entre religião e cultura.

O Pensamento de Paul Tillich

Tomando por base a conferência *Religião e Cultura Secular*, proferida em 1946, e inserida na obra *A Era Protestante*, destacaremos as principais ideias e preocupações desse teólogo sobre a relação entre religião e cultura.

No prefácio da obra intitulada *Teologia da Cultura*, Tillich declara que, apesar de ter ensinado *Teologia Sistemática* durante a maior parte do

tempo de sua vida adulta, o problema da religião e da cultura sempre esteve no centro de suas preocupações¹. Segundo o autor, seu primeiro esforço para analisar a imanência mútua da religião e da cultura surgiu em sua conferência intitulada “a ideia da teologia da cultura”, proferida em Berlim, em 1919². Nesta conferência, ele chama a atenção para a visão corrente da religião como um setor particular da cultura e propõe uma nova concepção, segundo a qual, a religião está presente em todas as áreas da cultura. Ela não se limita às atividades eclesiais, mas aparece de forma latente, em todas as manifestações culturais.

Para melhor compreensão da proposta de Tillich expressa na palestra de 1919, é necessário entender o contexto em que ele a proferiu. Do ponto de vista histórico, o mundo, e especialmente a Europa, estava tentando reerguer-se, após o término da primeira guerra mundial. Dos pontos de vista social e intelectual, Tillich percebeu uma tendência decorrente da influência do idealismo, que tentava dissolver a religião na cultura, resultando numa espécie de submissão dos valores religiosos aos interesses da burguesia. Ao mesmo tempo, segundo suas próprias palavras, estava se processando uma verdadeira “revolução cultural”³ manifesta por aqueles que não concordavam com tal situação, e que apresentavam formas de resistência, especialmente através dos movimentos artísticos. Segundo Tillich, essa situação provocou uma separação entre a igreja e os “resistentes”. A sua preocupação era saber como, àquela altura, o fosso criado entre o que ele considerava cultura e a religião poderia ser superado. A igreja não podia aceitar todas as mudanças que estavam acontecendo na estrutura da sociedade e essa, por sua vez, mostrava-se intolerante em relação à pretensa intervenção da igreja.

Vejamos o que ele diz na obra *A era protestante*:

Quando saímos da Primeira Guerra Mundial percebemos enorme distância entre a revolução cultural e a tradição religiosa na Europa Central e oriental. As igrejas Luterana, Romana e Grega-ortodoxa rejeitaram as revoluções culturais e políticas, com algumas exceções entre os católicos romanos. Achavam que essas revoluções expressavam a rebeldia da

¹ TILLICH, P. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009, p. 35.

² TILLICH, P. *A era protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992, p. 84.

³ TILLICH, 1992, p. 83.

autonomia secular. Os movimentos revolucionários, por sua vez, acusavam as igrejas de meras guardiãs da heteronomia transcendental. Parecia óbvio a todos nós, ligados aos dois lados, que a situação tornara-se intolerável e até mesmo desastrosa tanto para a religião como para a cultura. Acreditávamos numa possível superação desse impasse por meio da criação do socialismo religioso de um lado, e da nova interpretação da imanência presente tanto na religião como na cultura”⁴.

Nessa mesma palestra, proferida em 1919, Tillich procura definir a tarefa da teologia, à luz do novo conceito de religião, propondo que esta tarefa se relaciona com o estudo do conteúdo religioso da cultura.

É também nessa conferência de 1919 que ele apresenta a religião como a substância da cultura e a cultura como o forma *da cultura*:

A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião⁵.

À luz dessa discussão, surgem os conceitos de Teonomia, autonomia e heteronomia sobre os quais passaremos a refletir.

Teonomia, heteronomia e autonomia

Tillich acreditava que a queda da civilização burguesa da Europa abriria espaço para o reencontro entre estas duas realidades, isto é, a cultura e a religião. Isso seria possível através do estabelecimento de uma “cultura teonômica”, isto é, uma cultura estruturada debaixo de uma lei superior que é, ao mesmo tempo, a mais profunda lei dos homens; a lei da vida transcende o homem, não obstante ser ela a sua própria lei. Uma cultura teonômica manifesta em suas criações uma inquietação última em um sentido transcendente, não como algo estranho a ela, mas como sua própria matéria espiritual. A ideia de cultura teonômica representa uma consequência de outros elementos produzidos por Tillich com o objetivo de construir a tão

⁴ TILLICH, 1992, p. 84.

⁵ TILLICH, 2009, p. 83.

almejada ponte entre religião e cultura (no sentido em que ele a compreende).

Partindo da noção de *nomos*, vista como a lei da vida, ele apresenta, ao lado do conceito de teonomia, os de autonomia e heteronomia. A primeira se caracteriza pela colocação do ser humano como portador da razão universal, sendo, portanto, a origem e o ponto de referência da religião e da cultura, isto é, ele se transforma em sua própria lei. Na segunda, o ser humano se percebe como incapaz e impotente, sem condições de usar a sua liberdade e o seu potencial para se igualar com a lei, uma vez que ela é superior a ele.

Ao explicar esses termos como características da cultura, Tillich afirma que a primeira cria formas de vida autossuficientes, intolerantes e perversas e a segunda desenvolve estilos dependentes de sistemas autoritários e com tendências a destruir a capacidade de racionalização dos que a compõe. A cultura teonômica se caracterizaria, portanto, pelo equilíbrio entre as forças de dominação e submissão uma vez que seria determinada pelo Espírito e não por um sistema político ou religioso.

Além dos termos teonomia, heteronomia e autonomia, consideramos necessário compreender outros conceitos elaborados por Tillich sobre a relação entre religião e cultura. Por isso, recorreremos às noções de Incondicional, Kairós, Demônico ou Demoníaco e Personalidade, que estão inseridos em seus escritos cujo tema é mais especificamente trabalhado. Referimo-nos às obras *Filosofia de la religion (Filosofia da religião)*, *A era protestante* e *Teologia da cultura*.

O Incondicional

A noção do Incondicional representa uma ideia chave no pensamento de Tillich, uma vez que se torna um elemento importante para a compreensão do próprio conceito de religião. “A religião é a orientação para o Incondicional”, diz ele, na conferência de 1919⁶. É o Incondicional que dá significado às coisas tanto em sua forma particular como em sua totalidade.

⁶ TILLICH, P. *Filosofia de la Religión*. Buenos Aires: Ediciones Megapolis, 2009, p. 162.

Talvez a grande contribuição da ideia do Incondicional se expresse na ampliação feita por Tillich do conceito de religião. Ela não representaria um setor particular da cultura e sim uma atitude presente em todos os setores culturais, incluindo o não eclesialístico. O Incondicional representaria, portanto, uma realidade ativa e pronta a ser alcançada em qualquer esfera da cultura, e o princípio comum que tornaria possível a existência da teonomia. A religião movida pela atividade do Incondicional, passa a ser compreendida como conteúdo, e por isso, a fonte de vitalidade da cultura. Essa por sua vez, é concebida como a forma, ou seja, a impressão para a manifestação do impulso religioso.

Considerando a Teologia como a ciência normativa e sistemática da religião, a tarefa da teologia da cultura seria, portanto, a verificação metodológica da presença do Incondicional, contido nas manifestações culturais.

O *Kairós*, o demônico e a personalidade

A preocupação com uma interpretação protestante da história, determinada pela insatisfação diante das tentativas até então conhecidas e pela constatação da precariedade social vigente, levou Tillich a lançar mão de três conceitos que pudessem auxiliá-lo nesta empreitada. De acordo com o seu depoimento encontrado na introdução de *A Era Protestante*, esta gravitou em torno das ideias de teonomia, *kairós* e demônico.

Kairos é visto no Novo Testamento como “a plenitude dos tempos” e descreve o momento em que o eterno irrompe na esfera do temporal. O fato é percebido de forma nítida através do evento do Cristo. A encarnação de Deus em Cristo, ou seja, o evento do *logos* marca o início de um novo tempo com novas possibilidades.

Atingido pelo “desencantamento”, para usar o termo weberiano⁷, que acompanhou o pós-guerra, Tillich viu uma percepção do *kairos*, a possibilidade de um novo tempo, o que o impulsionou a dar início ao movimento denominado Socialismo Religioso, composto por um grupo de

⁷ WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.
Fronteiras, Recife, v. 3, n. 2, p. 586-610, jul./dez., 2020

teólogos e líderes religiosos, simpatizantes dos princípios marxistas, mas ao mesmo tempo mantinham uma postura crítica no que diz respeito à ênfase dada pelos seguidores desta ideologia à política organizada como instrumento de saneamento das injustiças sociais. Os membros do Socialismo Religioso entendiam que a injustiça, o orgulho e a vontade de poder jamais seriam erradicadas da cena histórica. Segundo Calvani, “o Socialismo Religioso surgiu como consequência de ordem prática da teologia da cultura e seu ideal de promover a síntese entre religião e cultura”⁸. Foi uma espécie de recurso, do qual Tillich lançou mão para sobreviver em uma Alemanha destruída e, conseqüentemente, desesperançada.

Tillich chama a atenção para a distinção entre *kairós* e *chronos* uma vez que o primeiro se refere a um tempo bom, um momento rico tanto em conteúdo como em significação; e o segundo exprime a ideia de tempo em seu sentido formal. O *kairos* é concebido como um momento relevante no processo temporal no qual as irrupções da eternidade abalam os fundamentos deste processo, transformando-o da existência humana⁹. O advento de uma época teonômica seria possível somente a partir do *kairos*.

É assim que Tillich se expressa em sua *Teologia sistemática*:

O Novo Testamento chamou este momento de “*plenitude do tempo*”, *kairos* em *grego*. Este termo foi usado com freqüência depois que o socialismo religioso na Alemanha o introduziu na discussão filosófica e teológica depois da Primeira Guerra Mundial. Ele foi escolhido para recordar à teologia cristã que os autores bíblicos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, tinham consciência da dinâmica autotranscendente da história. E ele foi escolhido para recordar á filosofia a necessidade de lidar com a história, não apenas em termos de sua estrutura lógica e categorial, mas também em termos de sua dinâmica¹⁰.

Em nível individual, esse fato também representa uma possibilidade. Quando a pessoa percebe os sinais do *kairos*, alcança a “consciência kairótica”. O teólogo da cultura deve trabalhar com esse tipo de

⁸ CALVANI, C. E. *Teologia e MPB*. São Bernardo do Campo; São Paulo: UESP; Loyola, 1998, p. 62.

⁹ TILLICH, 1992, p. 98.

¹⁰ TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005, p. 800.

“consciência” ou de pensamento.

Chamamos a atenção para outros pontos relacionados com o *kairos* explicitados na *Teologia Sistemática (2005)*:

Em primeiro lugar, a consciência de um *kairos* é uma questão de visão. Não é objeto de análise e cálculo tais como os realizados por outras ciências. Ele só é apreendido através de uma experiência existencial. Isso não significa que a observação e a análise estejam excluídas; elas servem para objetivar e enriquecer a visão. No entanto, observação e análise apenas não produzem a experiência do *kairos*. Ela é movida pelo Espírito profético.

Em segundo plano ele afirma que o *kairos* estará sempre presente na história, mas nem sempre será percebido. Sendo relacionado com a noção de Reino de Deus, ele afirma que, apesar desse Reino jamais estar ausente, a experiência de presença como poder que determina a história nem sempre será dada. “Os *kairos* são raros, e o grande *kairos* é único, mas juntos eles determinam a dinâmica da história em sua autotranscendência”¹¹.

A irrupção do “tempo bom” - o *kairós*, é precedida pela percepção da realidade do demônico. Em *Filosofia da Religião*, Tillich descreve o demônico como “o sagrado precedido por um sinal de menos: o antio divino sagrado”¹². Ambos são provenientes da mesma esfera, porém o demônico se distingue do divino a partir de uma deliberada atitude de oposição. “O demônico possui todas as formas de expressão que subsistem no sagrado, mas as possui com a marca da oposição e com a intenção de destruição”¹³.

Tillich deixa claro que seu conceito de demônico não corresponde aos mitos transmitidos pela cultura, que, de uma forma geral, expressam uma personificação do real. É um conceito de natureza ontológica e indicativa da presença do mal na cultura. É um poder de caráter estrutural que aparece nas manifestações culturais mostrando a sua presença no nível do inconsciente, conduzindo à desintegração.

O demônico tem como alvo principal a destruição da personalidade. De acordo com seu artigo intitulado *A Ideia e o Ideal de Personalidade*, inserido em *A Era Protestante (1992)*, percebe-se que Tillich constrói o

¹¹ TILLICH, 2009, p. 803.

¹² TILLICH, 1973, p. 74.

¹³ TILLICH, 1973, p. 74.

conceito de personalidade a partir da ideia de potencialização. Para ele, todos os seres finitos possuem um poder especial, uma estrutura significativa e uma forma específica de expressão. Tudo isso, no entanto, representa apenas uma potencialidade em relação ao que deve ser. A capacidade de ultrapassar a simples condição de ser e alcançar os ideais estabelecidos pela religião moderna e pelo humanismo secular é que vai transformar a pessoa em personalidade. O alcance deste estágio no ser é evidenciado pelo poder de autodeterminação, pelo senso de liberdade e pela capacidade de atingir a universalidade.

A ação desintegrada do demônico na personalidade é percebida como algo estranho que se apodera do indivíduo e recebe o nome de possessão. Esse estado pode ser neutralizado pelo estado de graça ou *gestalt* da graça e pode ser expresso através de símbolos.

No livro *A era protestante*, no capítulo intitulado *Religião e Cultura*, Tillich fala dos símbolos e de sua importância para a situação cultural em que se originaram, mostrando que eles se valem da realidade finita para expressar a nossa relação com o infinito. Diz ele:

Mas essa realidade finita que utilizam não é simples meio arbitrário para se chegar a determinado fim, algo que lhe seria estranho; ela participa do poder da realidade suprema a que se refere. Os símbolos religiosos têm sempre dois lados. Expressam não só a coisa simbolizada, mas também o elemento empregado nessa simbolização¹⁴.

Tillich ressalta o fato de que a tradição iconoclasta que caracteriza o Protestantismo, não deve desprezar a evidência dos símbolos, pois eles seriam a forma usada pelo ser humano para exprimir sua preocupação última.

Outro pensador da cultura que vivenciou também os horrores das duas grandes guerras foi Sigmund Freud. Essa vivência influenciou parte de seus trabalhos sobre o tema, vistos por alguns com o seu “olhar sobre o social”.

¹⁴ TILLICH, 1992, p. 89.

A Perspectiva Freudiana

Embora Freud tenha produzido várias obras voltadas para a análise da cultura e da religião, escolhemos *O Futuro de uma Ilusão* (1927) como texto básico para nossa reflexão aqui, porque, nele, Freud faz referência às suas principais ideias sobre religião, estabelecendo ao mesmo tempo sua relação com a cultura. Vejamos: 1) Fazendo uma menção ao seu trabalho *Totem e Tabu* (1913), ele reitera a ideia de que Deus representa o pai exaltado, sendo que o anseio por ele representa a raiz da necessidade da religião (1927). Repetindo a tese exposta em 1907 no trabalho *Os atos Obsessivos e as Práticas Religiosas* (1907), ele apresenta a religião como a neurose universal da humanidade, tal como neurose obsessiva da criança decorrente do complexo de Édipo, ou seja, do relacionamento com o pai (1927). Finalmente, a tese principal da obra em que as ideias religiosas são vistas com ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade (1927).

A sensação de desamparo

A primeira questão a ser considerada aqui se relaciona com a permanente sensação de desamparo que continua envolvendo o homem apesar de todo o desenvolvimento técnico e científico. Logo após a declaração acima mencionada, de que a religião é uma ilusão, Freud declara:

A impressão do desamparo na infância despertou a necessidade de proteção... a qual foi proporcionada pelo pai... o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai... porém, um pai poderoso [1927]¹⁵.

Segundo Freud, a criança permanece de certa forma no homem adulto, ou em outras palavras, a criança nunca morre. Assim ele se expressa em *O Interesse Científico da Psicanálise* (1913).

¹⁵ FREUD, S. *O futuro de uma ilusão* [1927]. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 39.

Outra descoberta muito mais surpreendente foi que, a suspeita de toda a evolução posterior que ocorre no adulto, nenhuma das formas mentais infantis perece. Todos os desejos, impulsos instintivos, modalidades de reação e atitudes da infância acham-se demonstravelmente presente na maturidade, e em circunstâncias apropriadas podem mais uma vez surgir. [1913]¹⁶.

Essas “circunstâncias apropriadas” a que ele se refere podem incluir também a forma como o indivíduo absorve a doutrina religiosa, que, por sua vez, pode ter sido influenciada pela sua própria história e pelas informações transmitidas pelo contexto cultural.

O desamparo se expressa também diante dos terrores da natureza, da crueldade do destino, particularmente a que é demonstrada pela morte e na necessidade de compensação do sofrimento e das privações impostas à vida.

Apesar de se constatar uma maior capacidade para lidar com as intempéries da natureza, a realidade do destino e da morte continua figurando como enigma e muitas das questões ligadas ao sofrimento continuam longe de serem elucidadas. Observa-se, conseqüentemente, um número cada vez mais crescente de grupos que procuram encontrar soluções para problemas buscando a cura física e o alívio das aflições.

A renúncia pulsional

O segundo pressuposto teórico que ressaltamos a partir de *O Futuro de uma Ilusão* (1927) refere-se à determinação da cultura na absorção dos ensinamentos religiosos e, conseqüentemente, na formação da personalidade, concorrendo muitas vezes para a formação do sintoma neurótico. Freud diz que não faz distinção entre cultura e civilização, e usa esse último termo para significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal. Segundo ele, o termo oferece dois aspectos ao observador:

Por um lado inclui todo conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para satisfação das necessidades

¹⁶ FREUD, S. *O interesse científico da psicanálise* [1913]. In: FREUD, S. *Obras Completas*. Volume XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 186.

humanas; por outro, inclui os regulamentos necessários para ajudar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente a distribuição da riqueza disponível¹⁷.

A posição de Freud acima exposta ressalta duas dimensões da cultura: as possibilidades que o ser humano tem de extrair recursos da cultura para sua utilização e bem-estar e a necessidade de estabelecer regras visando a um relacionamento adequado que afetará a sobrevivência desta cultura. Essa última dimensão representa uma das teses centrais do livro, pois os “regulamentos” a que ele se refere são possíveis a partir da renúncia pulsional. Como declara Rocha¹⁸, Freud está afirmando que a cultura se fundamenta sobre a base desta renúncia. Lidar adequadamente com o aparato pulsional representa a condição imprescindível para o surgimento e andamento da cultura. Rocha¹⁹ chama a atenção para o fato de que a tese apareceu muito cedo nos escritos freudianos. Apareceu na *Correspondência com Fliess* (1892-1899), nos *Três Ensaios sobre a Teoria Sexual* (1905), em *Moral sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (1908) e no trabalho escrito em 1923, intitulado *Psicanálise e Teoria da Libido*.

Ao se referir à relevância do domínio da pulsão para o bom andamento da cultura, Freud assim se expressa em *Futuro de uma Ilusão*:

Com as proibições que as estabeleceram a civilização - quem sabe, há milhares de anos? Começou a separar o homem de sua condição animal primordial. Para nossa surpresa, descobrimos que essas privações ainda são operantes e ainda constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. Os desejos instintuais que sob elas padecem nascem de novo com cada criança; há uma classe de pessoas, os neuróticos, que reagem a essas frustrações através de um comportamento associal²⁰.

Concordamos com as declarações de Freud sobre a importância da renúncia pulsional e reconhecemos a religião como um instrumento que pode colocar-se a serviço desta renúncia. Independentemente de ser, uma ilusão ou não, pode agir como um instrumento de demarcação de limites.

¹⁷ FREUD, 1987a, p. 16.

¹⁸ ROCHA, Z. *Aproximações*. Recife: Ed. Universitária/UFPE, 1995, p. 350.

¹⁹ ROCHA, 1995, p. 350-351.

²⁰ FREUD, 1987a, p. 20.

Reconhecemos, por outro lado, que a maneira como ela vai incidir na formação do indivíduo, isto é, a forma como vai operar neste território demarcado vai depender de vários fatores, tais como o método de coerção apresentado ou imposto pela cultura e a relação com as figuras parentais ou seus substitutos.

A questão da ilusão

O terceiro pressuposto básico que queremos destacar tem a ver com a tese central do livro, que é a questão da ilusão. Diferentemente de Freud, mas partindo das ideias expostas por ele, defendemos a ideia da indispensabilidade da ilusão na caminhada humana. A própria Psicanálise já comporta essa ideia no que diz respeito à sua própria metodologia. Apesar da tentativa de Freud em colocar a Psicanálise em posição igualitária com o espírito fisicalista da época, do ponto de vista da sua metodologia, ele lançou mão das palavras “ditas” através da associação livre. A pergunta que fazemos é: Se a Psicanálise apresenta uma metodologia baseada na significação do discurso e não ancorada no objetivismo, por que a questão religiosa não pode ser considerada pelo analista como um fator relevante no desenvolvimento do indivíduo em vez de ser combatida como acontece em alguns casos?

Rubem Alves, ao prefaciando o livro de Drogue, faz um paralelo entre a ideia de Feuerbach, que via o fenômeno objetivo da religião como um mecanismo psicológico em que o homem toma a sua essência e a projeta para fora, e o “sonho” que é transformado em realidade. Essa é a crítica de Freud, a crença na existência objetiva nas projeções feitas nas telas do universo. A religião, assim entendida, não passa de uma ilusão. Mas, pergunta Alves, haverá outra forma de entender a fé?²¹

Freud levanta alguns argumentos ao apresentar a religião como uma ilusão. Destacamos alguns deles:

Em primeiro lugar, ele diz que a religião representa a realização dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade e que o segredo de

²¹ ALVES, R. Prefácio. In: DROGUET, J. G. *Desejo de Deus: diálogo entre Psicanálise e fé*. Petrópolis: Vozes, 200, p. 10-11.

sua força reside na força desses desejos²².

A questão da ilusão como um fato determinado pelo desejo se aplica à religião, de acordo com Freud, em várias situações, como por exemplo, na dependência das massas diante de seus líderes²³; na própria busca de segurança decorrente do desamparo²⁴; e na busca da satisfação narcísica proporcionada pelas ideias da cultura²⁵.

As atitudes de dependência e de obediência aos líderes religiosos pode representar uma tentativa de solução para a sensação de desamparo e a manifestação de um desejo de cura e de alívio diante das intempéries da existência.

Será que Freud, ao estabelecer esses paralelos, estava fornecendo ou querendo fornecer uma prova da existência de Deus? De acordo com a nossa leitura, achamos que este não era seu objetivo. O que ele estava tentando dizer é aquilo que Ricoeur afirma: Freud não fala de deus, mas do deus e dos deuses dos homens. O que está em causa não é a verdade do fundamento, mas a função das representações religiosas no equilíbrio das renúncias e das satisfações pelas quais o homem tenta tornar sua vida suportável²⁶.

Talvez a consequência deste fato esteja na afirmação de Freud e que a ilusão não é necessariamente um erro²⁷ e esse é o segundo argumento que queremos enfatizar aqui. A crítica da Psicanálise à religião seria produzida pela constituição de que a ilusão não se restringiria à ideia de um erro do intelecto, mas seria consequência da pretensão do desejo de que algo seja aquilo que não pode ser. Por produzir essa pretensão, a religião leva o indivíduo à fuga de sua responsabilidade e à negação da realidade, ou como diria Allport²⁸, à ocultação da realidade com fantasia.

Talvez a maior reação dos religiosos contra o *Futuro de uma Ilusão* (1927) seja a comparação que o autor faz das doutrinas religiosas com os delírios. Diz ele:

²² FREUD, 1987a, p. 39.

²³ FREUD, 1987a, p. 12.

²⁴ FREUD, 1987a, p. 39.

²⁵ FREUD, 1987a, p. 22-23.

²⁶ RICOEUR, P. *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

²⁷ FREUD, 1987a, p. 39.

²⁸ ALLPORT, G. *The Individual and his Religion*. New York: M. Company, 1950.

Havendo estabelecido deste modo nossas coordenadas, retornemos à questão das doutrinas religiosas. Podemos agora repetir que todas elas são ilusões e insuscetíveis de prova. Ninguém pode ser compelido a achá-las verdadeiras e acreditar nelas. Algumas são tão improváveis, tão incompatíveis com tudo o que laboriosamente descobrimos sobre a realidade do mundo, que podemos compará-las-se considerarmos a forma apropriada, às diferenças psicológicas e delírios²⁹.

Rocha não concorda com essa comparação feita por Freud e procura situá-la no contexto iluminista em que ele viveu. Segundo o referido autor

Um aufklärer não poderia jamais admitir que a religião, por caminhos que não são da investigação científica, fosse capaz de oferecer aos homens uma resposta aos enigmas da existência. As ilusões religiosas, para Freud, não contradizem a realidade, mas a doutrina religiosa, e de modo particular, a cosmovisão religiosa (*weltanschauung*) estão em contradição com a ciência³⁰.

Aproximações

O objetivo deste item é pontuar algumas ideias expostas por Tillich comparando com as defendidas por Freud, que podem ser consideradas em um estudo sobre religião e cultura. O que queremos ressaltar é o fato de que eles disseram coisas semelhantes através de linguagens distintas, distinções estas que podem exercer uma função de complementação e, conseqüentemente, de auxílio à reflexão teológica do tema. Refletimos, portanto, sobre as ideias de teonomia e cultura e sua relação com a renúncia pulsional: o demônico e o *thanatos*, o Incondicional e o Eros.

Teonomia e renúncia pulsional: um modelo de cultura?

Eduardo Calvani inicia o seu ensaio já citado neste artigo, trazendo algumas informações sobre o desenvolvimento dos conceitos de cultura e

²⁹ FREUD, 1987a, p. 40.

³⁰ ROCHA, 1995, p. 359.

civilização no período moderno, baseado nas obras de Thompson e N. Elias. Ele ressalta a origem da palavra cultura com sua raiz latina ligada ao cultivo, no sentido agrícola e a ampliação do seu significado ao designar também o cultivo das capacidades espirituais humanas, estabelecidas especialmente pelos franceses no século XVIII. Eles utilizavam também outra palavra de origem latina, “civilização”, para se referir tanto aos feitos materiais e espirituais da humanidade, como aqueles pertencentes aos cidadãos. O espírito do Iluminismo foi responsável por uma visão sinonímica dessas duas palavras, mas, ao mesmo tempo, deu origem a uma dicotomia ao sentido de cultura, classificando de “cultas” as atividades reconhecidas como “nobres” por serem “cultivadas” e as do cotidiano, por serem desprovidas de qualquer tipo de sistematização e esforço intelectual.

Questões políticas levaram intelectuais alemães a atribuírem uma conotação negativa à palavra *civilização* celebrada pelos franceses e a atribuir um significado elitista à palavra *cultura* que, neste contexto, vai além de *civilização*. Seria um complemento dela³¹.

Tillich compartilhou, inicialmente, as ideias defendidas por essa classe de intelectuais, embora tenha assumido uma posição diferente após a Primeira Guerra. Apesar de não apresentar um conceito explícito de cultura, em todo o seu trabalho, procura mostrar o que ele considera um modelo de cultura: o modelo teonômico.

O trabalho de Freud se desenvolveu dentro do mesmo clima intelectual em que Tillich viveu, embora fosse mais velho que ele. Nascido em 1856, sob os ditames políticos do império austro-húngaro, possuía em comum com o teólogo o fato de ter o alemão como idioma materno, ser amplamente influenciado pelo Iluminismo e viver o espírito de perplexidade inerente à conflagração do primeiro conflito mundial, uma vez que, como Tillich, encontrava-se geograficamente no centro deste conflito. A diferença inicial entre os dois relativa à ideia de cultura é que, para o teólogo, o termo possui uma conotação distinta de “civilização”, representando um complemento dela tal como defendia seus companheiros alemães. Para Freud, não há diferença de significados entre uma e outra palavra.

³¹ CALVANI, 1998, p. 42-44.

Apesar disso, queremos ressaltar um ponto de aproximação nas ideias que eles apresentam sobre o modelo ideal de cultura. Para Tillich, a cultura ideal é a teonômica definida como “uma cultura na qual o significado último da existência resplandece através de formas infinitas de pensamento e ação”³². Freud, por sua vez, viu na renúncia das pulsões o fundamento da cultura. O ato de renúncia pulsional tornaria possível o estabelecimento das regras necessárias ao relacionamento estável e à sobrevivência do grupo.

À primeira vista, pode-se dizer que, ao falar de cultura como um produto da renúncia pulsional, Freud estava declarando que, sem essa renúncia, não existiria cultura. Não se trataria de um modelo ideal de cultura ou de um aperfeiçoamento da dela, mas uma noção de cultura em si. No entanto, uma visão mais globalizada da obra do pai da Psicanálise leva à conclusão de que, ao defender a capacidade de se lidar adequadamente com as intimações pulsionais, ele estava dizendo que quanto maior for esta capacidade, maior será a possibilidade de aperfeiçoamento. A cultura ideal seria aquela, cujos integrantes encontram o equilíbrio entre as pulsões de vida e de morte.

O ponto que queremos ressaltar aqui diz respeito ao elemento motivador que pode tornar a cultura teonômica ou equilibrada e suficientemente forte para lidar com as pulsões de vida e de morte. Para Tillich, esse elemento seria algo que conduz a cultura para uma atitude de abertura perante o Incondicional. Para Freud, seria o Eros, o princípio do prazer ou o magnífico prazer de viver.

Qual seria então a força determinante da atitude de abertura para o Incondicional e para a predominância do Eros? Embora Freud não elabore o conceito de Eros a partir de uma perspectiva religiosa, concluimos que existe apenas uma resposta: O Espírito de Deus. Esse seria o princípio vivificador que nortearia o modelo ideal de cultura.

A tarefa do teólogo seria, portanto, refletir sobre este princípio tornando-o mais nítido e mais conscientemente percebido para os integrantes da cultura.

³² TILLICH, 1992, p. 18.

O Demônico e o *Thanatos*: Elementos desintegradores da cultura

Consideramos os conceitos de demônico e de *thanatos* como os de maior convergência nas perspectivas de Tillich e de Freud. Em primeiro lugar, ambas afirmam a presença do mal no mundo, embora nenhuma delas comunguem com a ideia de personificação de uma entidade maléfica, reconhecem como uma força que tem como alvo a destruição da cultura. Aliás, neste ponto, Tillich demonstra uma forte aproximação com a “psicologia profunda” quando declara que o objetivo maior do demônico é a desintegração da personalidade, embora a sua concepção do termo seja diferente da conceituação apresentada pela Psicologia. Enquanto ele vê a personalidade como um modelo produzido pelos ideais humanísticos e intelectuais de auto-determinação, liberdade e criatividade, a Psicologia define a personalidade como o conjunto de características psicológicas do indivíduo.

Lançando mão da palavra grega *thanatos*, Freud, em período já adiantado de sua carreira (1920), apresentou a pulsão de morte. Após ter difundido exaustivamente o conceito de Eros, a pulsão de vida, ele reconhece a presença de uma força de caráter destruidor na formação do indivíduo e da sociedade.

O conceito de pulsão é considerado fundamental na teoria psicanalítica. Trata-se de um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética), fator de motricidade que faz tender o organismo para um alvo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu alvo é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; e é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo.

Freud apresentou duas teorias pulsionais: a primeira delas reduzia as pulsões a dois grupos, as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Ambas fundamentais no princípio do prazer. Em 1920, ele introduz um novo dualismo pulsional em que aparecem as pulsões de vida e de morte em sua obra intitulada *Além do Princípio do Prazer*. Por coincidência, o conceito foi apresentado logo após o final da Primeira Guerra, o fato tão assinalado por Tillich como gerador de suas inquietações e reflexões.

Ao comentar o trabalho de Freud intitulado *O Mal-Estar da Cultura* (1930), Garcia-Roza declara que “a tese de uma destrutividade fundamental, de uma vontade maligna inerente ao ser humano atenta para o caráter da pulsão estrutural de morte”³³, tal como afirma Tillich em relação ao demônico.

Demônico e *thanatos* representam, portanto, diferentes palavras usadas para exprimir a existência de um poder de caráter estrutural que objetiva fragmentar personalidades e grupos, podendo causar catástrofes sociais como é o caso das guerras.

Destacamos em segundo lugar o caráter inconsciente da ação do *demônico* e do *thanatos*. Tillich salienta a existência de manifestações culturais que sugerem ou provocam sentimentos e reação de medo, raiva, poder, etc., e aparecem através da arte, da dança e dos rituais, alertando para a existência do mal no nível do inconsciente.

Sendo o inconsciente o grande fundamento sobre o qual é constituído todo o edifício psicanalítico, torna-se evidente a convergência entre as duas correntes de pensamento que estamos analisando.

Finalmente, destacamos o fato de que tanto o demônico como o *thanatos* sugerem renovação. O *Kairós* é precedido pela percepção do demônico. Somente através do reconhecimento da prevalência da pulsão de morte é possível procurar novas formas de vida e superar o domínio do *thanatos*.

A pulsão de morte enquanto potência destrutiva... é o que impede a repetição do mesmo, isto é, a permanência da totalidade provocando pela disjunção a emergência de novas formas. Ela é, portanto, criadora e não conservadora, posto que impõe novos começos ao invés de reproduzir o mesmo³⁴.

Os dois autores (felizmente) não limitam as possibilidades humanas às ideias de *thanatos* e demônico. Ambos vislumbram a possibilidade de salvação na cultura. É o que veremos no próximo item.

³³ GARCIA-ROZA, A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977, p. 148.

³⁴ GARCIA-ROZA, 1977, p. 137.

O incondicional e o eros: A salvação da cultura?

Como já foi assinalado neste artigo, Tillich descreve o Incondicional como princípio ativo, energizador e orientador da cultura, através do qual ela encontra o seu significado, o sentido último de sua existência. A noção deste conceito representou uma contribuição inestimável para a ampliação do conceito de religião, ultrapassando as noções estreitas da religião convencional e dos eventos históricos. Religião implicaria uma atitude de preocupação última, e, conseqüentemente, uma re colocação na dimensão do condicional.

Freud relacionou o prazer com a liberação das tensões produzidas pela realização do desejo e associou à palavra Eros. É interessante observar que este termo, em sua origem, não significa prazer, mas constitui uma das palavras gregas usadas em referência ao amor, ao lado de *storgé* (afeto familiar) *philia* (amizade e fraternidade) e *ágape* (amor desinteressado ou apesar de).

Eros denota o prazer entre os sexos, mas acha-se ligado também à ideia de procriação e criatividade. Seria um tipo de sentimento que impele o indivíduo às formas mais íntimas e profundas de ser e de relacionar-se. Supõe também a ideia de intensidade, isto é, a energia com que a pessoa se dedica ao objeto do seu sentimento.

Infere-se, portanto, que, quando Freud fez ligação entre *Eros* e prazer, não se limitou ao aspecto genitalidade. Ele se referiu ao sentimento que expresso ou não pela genitalidade proporciona ao indivíduo o gozo pela vida, o impulso para o crescimento e o respeito pelo outro.

Sendo o Incondicional o princípio ativo, energizador, orientador da cultura e o meio pela qual ela encontra o seu significado e, sendo Eros, o impulso que impele o indivíduo às formas mais satisfatórias de ser e de relacionar-se criativamente, não seriam esses os elementos necessários para a reordenação e restauração da cultura?

O princípio protestante e a mediação da linguagem

Tillich descreve o Princípio Protestante como algo que não se encaixa em uma definição, mas possui características próprias que o tornam possível

de identificação. Ele é o fundamento crítico e dinâmico de todas as realizações protestantes, mas não é em si mesmo uma realização; transcende qualquer forma cultural, mas pode aparecer em qualquer uma delas como uma força vivificante; engloba os protestos divinos e humanos contra qualquer exigência absoluta e se opõe a ela mesma quando se efetua em uma igreja protestante; é o juiz de toda a realidade cultural ou religiosa incluindo aquela que se denomina protestante; é a expressão ontológica da verdadeira relação entre o Incondicional e o condicional que se reflete na relação entre Deus e o homem; é o guardião atento aos esforços do finito e condicionado por usurpar o lugar do Incondicional no pensamento e na ação; é o juízo profético pronunciado contra o orgulho religioso, a arrogância eclesiástica com suas consequências³⁵.

O Princípio protestante seria o responsável pela evitação de qualquer tipo de absolutização do finito, o que Merval Rosa relaciona com a idolatria. “Toda vez que o homem atribui valor absoluto a algo finito ele se torna idólatra”³⁶.

O Princípio Protestante, portanto, seria uma espécie de antídoto contra as expressões de desamparo, de falta, de narcisismo e da incapacidade de domínio das pulsões. Falando a partir da perspectiva teológica tillichiana, podemos dizer que essas expressões da cultura que em seu grau mais elevado se tornam patologias, são decorrentes da não aceitação da finitude ou da “absolutização do finito”.

A Psicanálise vê a linguagem como um instrumento de valor imprescindível para a compreensão do ser humano. Em um dos seus primeiros trabalhos teóricos, Freud versa sobre o tema das afasias (1895). Nesse trabalho, foi observada a importância da linguagem para a articulação entre os requisitos do corpo psíquico. Freud percebeu que as histéricas falavam de um corpo que, apesar de não ter correspondência em sua anatomia, revelava a realidade em outro registro. A imagem corporal delas era distinta da

³⁵ TILLICH, 1992 p. 245-246.

³⁶ ROSA, M. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. Duque de Caxias: AFE, 1982, p. 38.

imagem biológica. “Ele (Freud), se confrontava, portanto, com o corpo psiquicamente representado que tinha o poder de provocar sintomas”³⁷.

Ao instituir a Livre Associação como um método de trabalho na prática psicanalítica, Freud mais uma vez pontuou a relevância da linguagem. Através desse método, o cliente é convidado a falar sobre tudo que vier à mente sem se preocupar com a censura do seu discurso. O analista estabelece as associações contidas naquilo que “não” foi falado. É exatamente nas entrelinhas do discurso que ele detecta as expressões do inconsciente. O modo de operar o inconsciente, diz Guirardo³⁸, é na história pessoal onde se buscam os motivos os sentidos que se “esqueceram” (por efeito da repressão/recalque) e que devem “desesquecer”. Essa história é contada através da Associação Livre e por isso mesmo contém um continente discursivo cujo conteúdo precisa ser reconhecido, e devidamente representado. Esse é o modo da escuta psicanalítica. Têm como preocupação as “traições” do discurso determinado pelas atuações o inconsciente.

O analista “pontua” essas escapadas e dá ao cliente a possibilidade de re-questionar as principais experiências que têm norteado a sua existência, e, conseqüentemente, a sua posição em relação a elas. Entre esses princípios encontram-se os postulados das doutrinas e crenças religiosas.

Tillich vê na linguagem um caminho simbólico para a interpretação da cultura. Em sua máxima possibilidade, o símbolo é a forma pela qual o ser humano pode exprimir a sua preocupação última. A linguagem da Teologia ou das religiões são linguagens essencialmente simbólicas.

Considerações finais

O estudo sobre religião e cultura revela a importância da relação existente entre essas áreas da atividade humana. Tillich foi um teólogo profundamente preocupado com a cultura e, por isso, refletiu seriamente sobre os fatores responsáveis pela sua formação e seu andamento. Aliás, ele

³⁷ LUNA D.; DUBEUX, T. Algumas reflexões sobre o conceito de pulsão em Freud e Lacan. *Psicanalítica*, a.1, n. 1, Recife, 1993, p. 27.

³⁸ GUIRARDO, M. *Psicanálise e análise de discurso*. São Paulo: Summus Editorial, 1994, p. 14.

Fronteiras, Recife, v. 3, n. 2, p. 586-610, jul./dez., 2020

procurou não apenas refletir, mas se engajar efetivamente. A sua atuação no Movimento Socialista Religioso representa uma evidência disso.

A Psicanálise e a Psicologia também fizeram parte de seus interesses. A escritora americana Allison Stokes escreveu em seu livro *Ministry after Freud* (O Ministério depois de Freud), (1985), em que procura mostrar a influência do fundador da Psicanálise sobre a teologia e o ministério pastoral (protestante) nos Estados Unidos. Ela dedica um capítulo ao *New York Psychological Group* (Grupo Psicológico de Nova Iorque) que era composto de um grande número de psicólogos e de outros pensadores de renome, entre eles, Paul Tillich. Eles se reuniam semanalmente, às quartas-feiras, para discutir sobre as grandes questões que envolviam a humanidade e os incomodavam naquele final da primeira metade do século XX. Além de Tillich, figuravam, neste grupo, pessoas da estatura de Ruth Benedict, Erich Fromm, Seward Hiltner, Rollo May, Carl Rogers e outros³⁹.

Após uma leitura do pensamento do teólogo Paul Tillich sobre religião e cultura e dos escritos do pai da Psicanálise sobre o mesmo tema, apresentamos as seguintes considerações:

Primeiro, o estudo da relação entre religião e cultura exige uma leitura aguçada e abrangente da religião, livre das amarras do convencional e do puramente histórico.

Em segundo lugar, essa leitura deve ser fundamentada em uma atitude de respeito a todo tipo de manifestação cultural, uma vez que elas representam a forma de apreensão da realidade que é possível àqueles que as exibem. Cada manifestação é acompanhada por uma linguagem que deve ser entendida não apenas a partir do claramente demonstrado, mas, especialmente a partir do que ficou implícito nas entrelinhas do discurso, aqui compreendido como todo tipo de transmissão da realidade.

Em terceiro plano, destacamos o fato de que a presença do mal como um agente desestabilizador da cultura, não pode deixar de ser reconhecido. Ele conduz os indivíduos e os grupos à fragmentação de suas estruturas provocando formas de vida de caráter patológico e patologizante.

³⁹ STOKES, A. *Ministry after Freud*. New York: The Pilgrim Press, 1985, p. 111-112.

Finalmente, assumimos que, apesar dos conflitos e fragmentações inerentes às atividades da cultura, o teólogo nunca deve perder de vista a realidade do *kairós*, mesmo que seja visto apenas como um potencial, um desafio, ou, quem sabe, um sonho que pode tornar-se realidade. A crença no princípio de vida que orienta e energiza a cultura e a fé na ação do Espírito de Deus, tornam esse ideal uma força propulsora na execução da tarefa do teólogo. Essa tarefa é a sistematização da compreensão que ele tem de Deus, da forma como Ele se relaciona com os homens e da forma como Ele age no seio das culturas.

Referências

ALLPORT, G. *The Individual and his Religion*. New York: M. Company, 1950

ALVES, R. *Prefácio in DROGUETT, J. G. Desejo de Deus: diálogo entre Psicanálise e Fé*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRAATEN, C. Paul Tillich e a tradição Cristã Clássica. In: *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1999.

CALVANI, C. E. *Teologia e MPB*. São Bernardo do Campo: UMESP/São Paulo: Loyola, 1998.

FREUD, S. *O Futuro de uma Ilusão*. [1927] 1987. Obras Completas. Vol XXI. Obras Completas. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, S. *Interesse científico da Psicanálise*. [1913] Vol. XIII. Obras Completas. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GARCIA-ROZA, A. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1977.

GUIRARDO, M. *Psicanálise e Análise de Discurso*. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1994.

LUNA, D.; DUBEUX, T. Algumas reflexões sobre o conceito de pulsão em Freud e Lacan. *Psicanalítica*, a.1, n. 1, Recife, 1993. (Publicação do Círculo Psicanalítico do Recife).

RICOEUR, P. *Da interpretação: ensaio sobre Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ROCHA, Z. *Aproximações*. Recife: Ed. Universitária/UFPE, 1995.

ROSA, M. *O Ministro Evangélico: sua identidade e integridade*. Duque de Caxia: AFE, 1982.

STOKES, A. *Ministry after Freud*. New York: The Pilgrim Press, 1985.

TILLICH, P. *A Era Protestante*. São Paulo: Ciências da Religião, 1992.

TILLICH, P. *Filosofía de la Religión*. Buenos Aires: Ediciones Megapolis, 1973.

TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: EST/Sinodal, 2005.

TILLICH, P. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1989.

Trabalho submetido em 03/06/2020.

Aceito em 16/10/2020.

Luiz Alencar Libório

Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma. Professor do PPGCR da UNICAP, PE. E-mail: laliborio@terra.com.br

Maria Betânia Melo de Araújo

Doutoranda em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Bacharel e Licenciada em Psicologia pela UNICAP. Master in Divinity - Louisville, KY, USA e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil - STBNB, onde leciona desde 1977 e coordenou o curso de Teologia do STBNB de 2014 a 2020. E-mail: bet.araujo27@uol.com.br